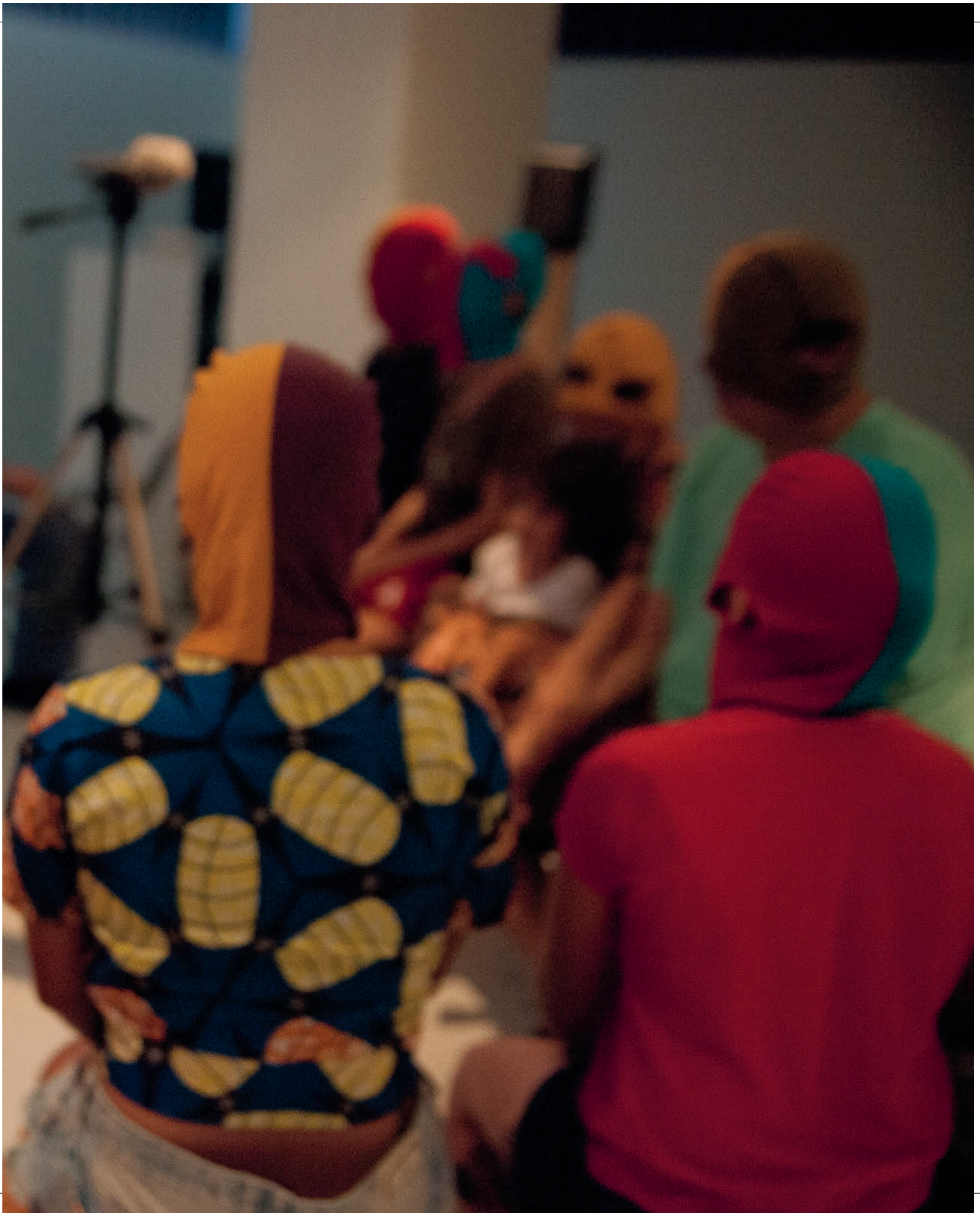


# Cartografias Sonoras

A exposição **Cartografias Sonoras** aconteceu no **Espaço do Conhecimento UFMG** entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017 e reuniu obras que lidam com a construção poética do mundo através da escuta. Os cinco trabalhos expostos – Em Família (**Frederico Pessoa**), Mulheres (**Henrique Iwao**), Vasos comunicantes ou O Homem que Desapareceu (**Pedro Aspahan**), Pacote (**Pedro Durães**) e Deriva Sonora (**Marco Scarassatti**) – estão inseridos no campo da Arte Sonora e propõem uma experiência ativa da escuta, ampliando a percepção e os sentidos dos acontecimentos sonoros. **Cartografias Sonoras** teve apoio do Espaço do Conhecimento UFMG, apoio cultural do Oi Futuro, patrocínio da Oi e incentivo da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.









Rita  
 Lígia Lígia Geni Rosa Rosa Geni Beatriz  
 Maddalena Maddalena Maddalena Maddalena Maddalena  
 Lígia Lígia Penélope Madalena Ligia  
 Ligia Maddalena Maddalena Rosina Carolina  
 Madalena Geni Inês Geni Genil Madalena  
 Madalena Geni Carolina Carolina  
 Maria Rosa  
 Rejerezinha Maria Carolina  
 Maria Rosa Rosa Maria Cristina Helenas  
 Rosa Rosa Rosa Rosa  
 Cristina Maria Rosa Cristina Rosa  
 Bel Bia Rosa Rosa Maria Rosa  
 Iracema Iracema Conceição Conceição  
 Januária Maria Conceição Conceição  
 Marie Conceição Iracema  
 Januária Iracema Carolina  
 Geni Nazaré Nazaré Geni  
 Geni Cecília Geni  
 Renata Maria Carolina Carolina  
 Carolina Maria Cecília Lia  
 Rosalías Lia Rosa Rosa  
 Rosa Rosa Lia Rosa Lia  
 Carolina Renata Geni Carolina Rosa Maria  
 Lia Lia Rosa Geni Rosa Lia Maria  
 Rosa Lia Carolina Carolina Rosa  
 Maria Maria Lia Rosa Maria  
 Lia Rosa Rosa Lia  
 Rosa Maria Lia Lia Carolina Maria Geni Glória Yolanda  
 Dado Yolanda Yolanda Didi Yolanda Yolanda Isa Geni  
 Marieta Maria Carolina  
 Joana Maria Aurora Aurora Joana  
 Bárbara Bárbara Maria Aurora Aurora Joana  
 Geni Geni Clara Dadá Bárbara Bárbara  
 Bia Geni Clara Dadá Bárbara Bárbara  
 Amora Dora Dora Amora Rita Ana  
 Rita Ana Rita Ana Dora Ana Dora  
 Ana Dora Teadora Nina  
 Ana Ana Regina Nina Ana  
 Nina Ana Ana  
 Ana Geni Genil Ana Nina  
 Geni  
 Aurora Aurora Aurélia Ariela Nara Gal Bethania Rita Clara  
 Regina Bárbara Bárbara  
 Bárbara Bárbara Rita Geni Marieta Geni  
 Cecilia Geni  
 Bárbara Bárbara Rita Bárbara Bárbara  
 Bárbara Bárbara Bárbara Glorinha Maristela  
 Soraia Maddalena

Henrique Iwao

## Mulheres - Versão Instalativa 2016

Em 2007 eu concebi as coleções digitais – obras musicais, com um colorido musicológico, construídas a partir de coleções de amostras sonoras características e obedecendo a regras de construção simples, mas estritas. Em 2014, resolvi realizar a coleção de nome Mulheres: após coletar todos os nomes de mulheres cantados durante a discografia de Chico Buarque, construí sequências em que (I) nenhuma outra palavra vocalizada soasse (exceto quando duas delas fossem vocalizadas ao mesmo tempo e uma delas fosse um nome de mulher); (II) a ordem cronológica dos álbuns dos quais as amostras advinham se tornasse palpável; (III) a ordem de aparição das respectivas amostras dentro de cada álbum fosse respeitada.

Com isso, uma versão musical foi realizada: as amostras foram organizadas, começando pela primeira amostra do álbum mais antigo, seguindo ordinalmente até a última do álbum mais antigo, seguindo para a primeira do segundo álbum mais antigo, repetindo a operação até a última amostra do álbum mais recente. A fim de suavizar a experi-

ência de escuta, quando possível e desejado, usaram-se amostras contendo trechos instrumentais anteriores e posteriores à vocalização dos nomes. Dei preferência a uma edição que amenizasse a fragmentação da coleção, ao criar continuidades musicais em termos de pontos de corte e transição entre uma amostra e outra.

Nem todos os álbuns continham amostras. De um total de 55, 38 possuíam nomes de mulheres, começando pelo primeiro nome de mulher de Chico Buarque de Hollanda (1966), "Madalena", até o último nome de Chico (2011), "Barbarela". Na época eu não estava tão certo quanto à definição do que seria o característico da coleção. Não sou uma pessoa que gosta de escolher essas coisas – normalmente tenho intuições –, lembrava-me de alguns nomes de mulheres: Geni e seu heroísmo, a grandeza de palco de Beatriz, a resoluta Carolina contra o hedonismo do narrador, Bárbara "Calabar" e a censura, a indecisão entre Lia e Rosa. Mas não tinha certeza, e já havia me decepcionado por ter escolhido separar todos os yeahs e yes da discografia de estúdio

dos Beatles, em vez de love e loves – embora tenha ficado contente com o resultado, senti-me ludibriado pela propaganda enganosa brasileira de que “eles eram os reis do iê-iê-iê”.

No caso de Mulheres, a quantidade de trabalho de preparação do material era muito grande, então contratei assistentes. Mas como estava em dúvida sobre como seria construída a coleção, acabei pedindo para eles separarem todos os pronomes pessoais e adjetivos que se referissem à classe narrativa “mulheres”. Cheguei a montar os primeiros 12 minutos (um terço do material) e apresentá-lo (no XIV Festival de Apartamento, em uma casa em Diamantina, no dia 2 de agosto de 2014), antes de desistir dessa abordagem e decidir focar nos nomes de mulheres.

Para a versão instalativa, eu não queria gerar uma obra em que houvesse um sentido de começo, meio e fim. A solução para a ordenação das amostras deveria ser diferente: dentro de um álbum, mantive as amostras nos seus respectivos pontos, removendo todos os outros sons. Assim, em As cidades (1998), “Iracema” manteria sua posição em 2'57"707 (dois minutos, cinquenta e sete segundos e setecentos e sete milésimos) em relação ao início do álbum. Antes disso, silêncio. Depois, até a próxima ocorrência de nome de mulher – “Iracema” de novo, silêncio. E como o álbum dura (segundo

meus arquivos) 29'37"250, a cada duração de álbum, as vocalizações dos nomes reaparecem.

De outro modo, a ordem cronológica da data de lançamento de cada álbum foi pensada como diferentes posições de difusão sonora no espaço. Imagine uma linha dividida em várias partes iguais, cujos pontos iniciais chamamos A, B, C, D, E, F, G e H. Esses oito pontos correspondem a oito caixas de som. Mas como são 38 posições, uma para cada álbum contendo ao menos um nome de mulher, então esse espaço de oito unidades é dividido em 38 passos, cujos pontos iniciais correspondem à posição de cada álbum. Isto é, a cada 0,2105 unidades, uma posição de difusão é definida. O álbum mais antigo fica na posição zero, que coincide com a posição A. O último, depois da posição H.

Agora, consideremos que essa linha é usada como perímetro de um quadrado cujos vértices são os pontos A, C, E, G, em sentido horário. Com ajuda de um espacializador, pode-se então obter a combinação de intensidades nas caixas posicionadas em A, B, C, D, E, F, G e H para simular a existência de 38 pontos de difusão sonora – uma aproximação de como seria se houvesse 38 caixas de som, uma para cada álbum, posicionadas em um quadrado em volta do ouvinte. Para isso, os sons de cada álbum, originalmente em modo estéreo (exigindo duas caixas de som em posição triangular com o



ouvinte), foram transformados em sons monoaurais (normalmente separando o sinal em M-S, centro e laterais, e acolhendo apenas o centro).

Então, a posição de difusão indica ao ouvinte informado, ou investigador, a localização aproximada na ordem discográfica (com os nomes de mulher, do álbum mais recente e do mais antigo, próximos espacialmente, dada a junção entre o ponto H e o A no quadrado). Ademais, como cada álbum possui uma duração total distinta, repete seus nomes em diferentes momentos de um tempo comum – seus loops têm tamanhos diversos. Em consequência, a sobreposição com reiterações de 38 deles gera combinações sempre variadas de sons e silêncios. Na implementação isso foi realizado como se – durante uma semana – cada novo dia começasse onde o anterior parou, em termos de rotações relativas entre os álbuns.

O resultado foi uma textura bastante esparsa de nomes e silêncios no espaço. Antes mencionei a dúvida: por imaginar que havia muito mais nomes de mulheres na coleção, todo esse plano pareceu resultar em algo insatisfatório em termos de densidade sonora. E por isso imaginei que preencher com adjetivos fosse uma solução possível.

Os motivos para rejeitar essa solução foram: (I) apesar do nome – mulheres –, a coleção diz respei-

to a um número de personagens individualizados através de nomes próprios, e não a características que pudessem fazer referência a alguma unidade conceitual ou característica dos elementos de uma classe. Os adjetivos atrapalhavam o equilíbrio nesse sentido, por sugerir generalizações e qualificações, como se a classe fosse mais do que um modo arbitrário de seleção e pudesse ganhar mais significado do que sua disposição como coleção. Como meu interesse, nas coleções digitais em geral, busca a diminuição de elementos interpretativos possíveis dentro de uma obra, isso seria indesejável; (II) Conforme passava pela experiência de escutar a instalação, já montada no espaço das Cartografias Sonoras, fui me acostumando aos silêncios e entendendo que, especialmente se houvesse memória das crônicas / canções que cada nome evocava, os silêncios poderiam ser bem aproveitados. Ademais, no plano geral de convivência de todas as obras, o ambiente como um todo soaria melhor com a versão rarefeita.

Henrique Iwao – Mulheres (2014), 9'55". Música eletrônica, estéreo.

Henrique Iwao – Mulheres (versão instalativa, 2016). Instalação sonora. 38 loops de diferentes durações. Sistema octofônico. Concepção, organização e edição do material: Henrique Iwao. Preparação do material: André Oliveira e Walney Alves.

A **Rita** levou meu sorriso No sorriso dela Meu assunto Levou junto com ela O que me é de direito E arrancou-me do peito E tem mais Levou seu retrato, seu trapo, seu prato Que papell! Uma imagem de São Francisco E um bom disco de Noel A **Rita** matou nosso amor de vingança Nem herança deixou Não levou um tostão Porque não tinha não Mas causou perdas e danos Levou os meus planos Meus pobres enganos Os meus vinte anos O meu coração E além de tudo Me deixou mudo Um violão **Madalena** foi pro mar E eu fiquei a ver navios Quem com ela se encontrar Diga lá no alto mar Que é preciso voltar já Pra cuidar dos nossos filhos Pra zombar dos olhos meus No alto mar a vela acena Tanto jeito tem de adeus Tanto adeus de **Madalena** É preciso não chorar Maldizer, não vale a pena Jesus manda perdoar A mulher que é **Madalena** **Madalena** foi pro mar E eu fiquei a ver navios Juca foi autuado em flagrante Como meliante Pois sambava bem diante Da janela de **Maria** Bem no meio da alegria A noite virou dia O seu luar de prata Virou chuva fria A sua serenata Não acordou **Maria** Juca ficou desapontado Declarou ao delegado Não saber se amor é crime Ou se samba é pecado Em legítima defesa Batucou assim na mesa O delegado é bamba Na delegacia Mas nunca fez samba Nunca viu **Maria** Será que **Cristina** volta, será que fica por lá Será que ela não se importa de bater na porta pra me consolar Noite dia me pergunto, meu assunto é perguntar Será que **Cristina** volta, sei lá se ela quer voltar Será que **Cristina** volta, será que fica por lá Cheio de saudades suas procuro nas ruas quem saiba informar Uns sorrindo fazem pouco, outros me tomam por louco Outros passam tão depressa que não podem me escutar Será que **Cristina** volta, será que ela vai gostar Será que nas horas mais frias das noites vazias não pensa em voltar? Será que vem ansiosa, será que vem devagar Toda gente homenageia **Januária** na janela Até o mar faz maré cheia Pra chegar mais perto dela O pessoal desce na areia E batuca por aquela Que malvada se penteia E não escuta quem apela Quem madruga sempre encontra **Januária** na janela Mesmo o sol quando desponta Logo aponta os lados dela Ela faz que não dá conta De sua graça tão singela O pessoal se desaponta Vai pro mar, levanta vela **Carolina** Nos seus olhos fundos Guarda tanta dor A dor de todo esse mundo Eu já lhe expliquei que não vai dar Seu pranto não vai nada mudar Eu já convidei para dançar É hora, já sei, de aproveitar Lá fora, amor Uma rosa nasceu Todo mundo sambou Uma estrela caiu Eu bem que mostrei sorrindo Pela janela, ói que lindo Mas **Carolina** não viu **Carolina** Nos seus olhos tristes Guarda tanto amor O amor que já não existe Eu bem que avisei, vai acabar De tudo lhe dei para aceitar Mil versos cantei pra lhe agradecer Agora não sei como explicar Lá fora, amor Uma rosa morreu Uma festa acabou Nosso barco partiu Eu bem que mostrei a ela O tempo passou na janela Só **Carolina** não viu Eu bem que mostrei a ela O tempo passou na janela Só **Carolina** não viu hora, já sei, de aproveitar Lá fora, amor Uma rosa nasceu Todo mundo sambou Uma estrela caiu Eu bem que mostrei sorrindo Pela janela, ói que lindo Mas **Carolina** não viu **Carolina** Nos seus olhos tristes Guarda tanto amor O amor que já não existe Eu bem que avisei, vai acabar De tudo lhe dei para aceitar Mil versos cantei pra lhe agradecer Agora não sei como explicar Lá fora, amor Uma rosa morreu Uma festa acabou Nosso barco partiu Eu bem que mostrei a ela O tempo passou na janela Só **Carolina** não viu Eu bem que mostrei a ela O tempo passou na janela Só **Carolina** não viu Um marinheiro me contou Que a boa brisa lhe soprou Que vem aí bom tempo O pescador me confirmou Que o passarinho lhe cantou Que vem aí bom tempo Do duro toda semana Senão pergunte à **Joana** Que não me deixa mentir Mas, finalmente é domingo Naturalmente, me vingo Eu vou me espalhar por aí No compasso do samba Eu disfarço o cansaço **Joana** debaixo do braço Carregadinha de amor Vou que vou Pela estrada que dá numa praia dourada Que dá num tal de fazer nada Como a natureza mandou Vou Satisfeito, a alegria batendo no peito O radinho contando direito A vitória do meu tricolor Vou que vou Lá no alto O sol quente me leva num salto Pro lado contrário do asfalto Pro lado contrário da dor Um marinheiro me contou Que a boa brisa lhe soprou Que vem aí bom tempo Um pescador me confirmou Que um passarinho lhe cantou Que vem aí bom tempo Ando cansado da lida Preocupada, corrida, surrada, batida Dos dias meus Mas uma vez na vida Eu vou viver a vida Que eu pedi a Deus Aria di festa intorno a me Aria di gioia intorno a me Che voglia di far niente Ogni domenica è così E la domenica si sa Vuol dire non far niente Sei giorni sei di lavoro Ehi ci do dentro lo giuro Perché mi devo sposar Ma finalmente è finita lo preferisco la vita Che questo giorno mia da Sbadigliando Mi alzo mi vesto Non devo non devo far presto Mi metto il vestito più bello che ho Che ho Soddisfatto del mondo cammino Felice di averti vicino Vestita come una **Regina** per me Pomeriggio di calcio di calcio Che bella che bella partita Scommetto che oggi facciamo tre gol Tre gol E sta sera potremo ballare Ballare cantare sperare Sperare che non venga più lunedì Aria di festa intorno a me Aria di gioia intorno a me Che voglia di far niente Ogni domenica è così E la domenica si sa Vuol dire non far niente Lascio in un angolo l'uomo Preoccupato confuso Avvilto malato che dorme in me E col vestito nuovo Con un viso nuovo Mi presento a te Sbadigliando Mi alzo mi vesto Non devo non devo far presto Mi metto il vestito più bello che ho Che ho Soddisfatto del mondo cammino Felice di averti vicino Vestita come una **Regina** per me Pomeriggio di calcio di calcio Che bella che bella partita Scommetto che oggi facciamo tre gol Tre gol E sta sera potremo ballare Ballare cantare sperare Sperare che non venga più lunedì a **Rita** è scappata di casa Ha portato via il mio mondo Ha portato con sé ciò che è mio di diritto E che avevo nel cuore per lei Si è presa i vestiti Il servizio di piatti Ma che abuso Il quadretto di San Francesco E un bel disco di Caruso La **Rita** voleva finirla Voleva vendicarsi di me Non ha preso una lira perché non ce l'ho Ma ha procurato dei danni Ha preso i miei piani I miei poveri inganni E coi miei venti anni L'amore che fu E mi ha lasciato Una chitarra che non canta più! **Maddalena** è andata via E sto

con le mani in mano Chi di voi l'incontrerà Le ricordi che ha Da tornare presto qua A curare i nostri figli Da tornare presto qua A curare i nostri figli Deridendo gli occhi miei Ogni rondine stasera Sembra quasi dire addio All'addio di **Maddalena Maddalena** è andata via E sto con le mani in mano **Maddalena** è andata via E sto con le mani in mano Chi di voi l'incontrerà Le ricordi che ha Da tornare presto qua A curare i nostri figli Da tornare presto qua A curare i nostri figli Io non devo pianger più Maledir non val la pena Gesù stesso perdonò Perdonò la **Maddalena Maddalena** è andata via E sto con le mani in mano **Carolina** Nei tuoi occhi fondi Vedo tanto male Il male di questo mondo Non vale la pena Credi a me Se piangi a nessuno servirà Ti invito a ballare insieme a me E' ora per te di vivere Là fuori amore C'è una stella per noi C'è una festa per noi Una rosa se vuoi Perché sola vuoi restare Alla finestra a guardare Ma **Carolina** perché **Carolina** Nei tuoi occhi tristi Vedo tanto amore Amore che non esiste Eppure lo sai che finirà Il nostro momento passerà Sai quante canzoni ho fatto già Per farti cantare e ridere Là fuori ormai Una stella è caduta Una festa è perduta La mia barca è nel mare Perché hai voluto stare Alla finestra a guardare Ma **Carolina** perché Il nome di **Maria** A me ricorda il mare Che mi ricorda il giorno Che mi vorrei scordare Che giorno che tristezza Che notte che agonia Che è come una carezza Che il vento porta via E il vento ancora sale È un pianto disperato Che mi ricorda il male Che non ho meritato Non dirlo, ti scongiuro Che mi fai ricordare Che il cielo è ancora scuro Si sta gonfiando il mare Che canta una poesia Che ancora porta su Il nome di **Maria** Che non mi lascia più Mi torna nella testa Un desiderio che Potrebbe risvegliare una tempesta In me Se questa non ha mai sorriso l'ha fatto apposta perché sa Di meritarsi il paradiso E l'ora in cui si sfogherà La vita è fatta di un rosario Che sembra non finire mai Per questo qualche volta è stanca E piange d'infelicità Che vital Dio, quante ave **Marie** Ho già perso il conto Di quanto pregai Se l'altra non ha paradiso Non è molto importante, no È tutta fatta di sorriso La professione che lei fa La vita è come un ballo dove Compagno non si sceglierà Per questo qualche volta è stanca E piange d'infelicità Che vital Dio, quante strade ho battuto Cos'ho guadagnato, che fine farò? E tutte le mattine all'alba C'è questa che alla messa va E quella, triste innamorata Sfinita a casa tornerà E il caso vuole che le due Che già la sorte separò S'incontrino per strada, mute Negli occhi lo stesso dolore Che vital Dio, com'è lunga la vita Perché tanta vita se poi ci deluderà Não fala de **Maria Maria** lembra mar Que lembra aquele dia Que não é bom lembrar Que dia, que tristeza Que noite, que agonia Que puxa a correnteza E traz a maresia E bate aquele vento Que lembra um assobio Que lembra um sofrimento Que eu não merecia Não fala não, te esconjuro Que só de imaginar O tempo fica escuro E o espanto agita o mar Que lembra aquele dia Que lembra uma canção Que faz lembrar **Maria** E aí não lembro não A coisa fica séria É como um turbilhão Fazendo uma miséria No meu coração Olha **Maria** Eu bem te queria Fazer uma presa Da minha poesia Mas hoje, **Maria** Pra minha surpresa Pra minha tristeza Precisas partir Parte, **Maria** Que estás tão bonita Que estás tão aflita Pra me abandonar Sinto, **Maria** Que estás de visita Teu corpo se agita Querendo dançar Parte, **Maria** Que estás toda nua Que a lua te chama Que estás tão mulher Arde, **Maria** Na chama da lua **Maria** cigana **Maria** maré Parte cantando **Maria** fugindo Contra a ventania Brincando, dormindo Num colo de serra Num campo vazio Num leito de rio Nos braços do mar Vai, alegria Que a vida, **Maria** Não passa de um dia Não vou te prender Corre, **Maria** Que a vida não espera É uma primavera Não podes perder Anda, **Maria** Pois eu só teria A minha agonia Pra te oferecer **Bárbara Bárbara** Nunca é tarde, nunca é demais Onde estou, onde estás Meu amor, vem me buscar O meu destino é caminhar assim Desesperada e nua Sabendo que no fim da noite serei tua Deixa eu te proteger do mal, dos medos e da chuva Acumulando de prazeres teu leito de viúva **Bárbara Bárbara** Nunca é tarde, nunca é demais Onde estou, onde estás Meu amor vem me buscar Vamos ceder enfim à tentação Das nossas bocas cruas E mergulhar no poço escuro de nós duas Vamos viver agonizando uma paixão vadia Maravilhosa e transbordante, como uma hemorragia **Bárbara, Bárbara** Nunca é tarde, nunca é demais Onde estou, onde estás Meu amor vem me buscar **Bárbara** Sou **Ana** do dique e das docas Da compra, da venda, das trocas de pernas Dos braços, das bocas, do lixo, dos bichos, das fichas Sou **Ana** das loucas Até amanhã Sou **Ana** Da cama, da cana, fulana, sacana Sou **Ana** de Amsterdam Eu cruzei um oceano Na esperança de casar Fiz mil bocas pra Solano Fui beijada por Gaspar Sou **Ana** de cabo a tenente Sou **Ana** de toda patente, das Índias Sou **Ana** do oriente, ocidente, acidente, gelada Sou **Ana** obrigada Até amanhã, sou **Ana** Do cabo, do raso, do rabo, dos ratos Sou **Ana** de Amsterdam Arrisquei muita braçada Na esperança de outro mar Hoje sou carta marcada Hoje sou jogo de azar Sou **Ana** de vinte minutos Sou **Ana** da brasa dos brutos na coxa Que apaga charutos Sou **Ana** dos dentes rangendo E dos olhos enxutos Até amanhã, sou **Ana** Das marcas, das macas, da vacas, das pratos Sou **Ana** de Amsterdam Ele sabe dos caminhos dessa minha terra No meu corpo se escondeu, minhas matas percorreu Os meus rios, os meus braços Ele é o meu guerreiro nos colchões de terra Nas bandeiras, bons lençóis Nas trincheiras, quantos ais, ai Cala a boca - olha o fogo! Cala a boca - olha a relva! Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Ele sabe dos segredos que ninguém ensina Onde guardo o meu prazer, em que pântanos beber As vazantes, as correntes Nos colchões de ferro ele é o meu parceiro Nas campanhas, nos currais Nas entranhas, quantos ais, ai Cala a boca - olha a noite! Cala a boca - olha o frio! Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Cala a boca, **Bárbara** Eu nunca sonhei com você Nunca fui ao cinema Não gosto de samba Não vou à Ipanema Não gosto de chuva Nem gosto de sol E quando eu lhe telefonei

Desliguei, foi engano. Seu nome eu não sei, Esqueci no piano as bobagens de amor Que eu iria dizer Não, **Lígia, Lígia**. Eu nunca quis tê-la ao meu lado Num fim de semana Um choop gelado em Copacabana Andar pela praia até o Leblon E quando eu me apaixonei Não passou de ilusão O seu nome rasguei Fiz um sambacança Das mentiras de amor Que aprendi com você. **Lígia, Lígia**. E quando você me envolver nos seus braços serenos Eu vou me render Mas seus olhos morenos Me metem mais medo Que um raio de sol **Lígia Lígia**. Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas Vivem pros seus maridos Orgulho e raça de Atenas Quando amadas, se perfumam Se banham com leite, se arrumam Suas melenas Quando fustigadas não choram Se ajoelham, pedem imploram Mais duras penas; cadenas Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas Sofrem pros seus maridos Poder e força de Atenas Quando eles embarcam soldados Elas tecem longos bordados Mil quarentenas E quando eles voltam, sedentos Querem arrancar, violentos Carícias plenas, obscenas Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas Despem-se pros maridos Bravos guerreiros de Atenas Quando eles se entopem de vinho Costumam buscar um carinho De outras falenas Mas no fim da noite, aos pedaços Quase sempre voltam pros braços De suas pequenas, **Helenas** Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas: Geram pros seus maridos Os novos filhos de Atenas Elas não têm gosto ou vontade Nem defeito, nem qualidade Têm medo apenas Não tem sonhos, só tem presságios O seu homem, mares, naufrágios Lindas sirenas, morenas Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas Temem por seus maridos Heróis e amantes de Atenas As jovens viúvas marcadas E as gestantes abandonadas Não fazem cenas Vestem-se de negro, se encolhem Se conformam e se recolhem Às suas novenas, serenas Mirem-se no exemplo Daquelas mulheres de Atenas Secam por seus maridos Orgulho e raça de Atenas Meu caro amigo, me perdoe, por favor Se eu não lhe faço uma visita Mas como agora apareceu um portador Mando notícias nessa fita Aqui na terra tão jogando futebol Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll Uns dias chove, noutros dias bate o sol Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta Muita mutreta pra levar a situação Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça E a gente vai tomando que também sem a cachaça Ninguém segura esse rojão Meu caro amigo, eu não pretendo provocar Nem atijar suas saudades Mas acontece que não posso me furtar A lhe contar as novidades Aqui na terra tão jogando futebol Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll Uns dias chove, noutros dias bate o sol Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta É pirueta pra cavar o ganha-pão Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro Ninguém segura esse rojão Meu caro amigo, eu quis até telefonar Mas a tarifa não tem graça Eu ando aflito pra fazer você ficar A par de tudo que se passa Aqui na terra tão jogando futebol Tem muito samba, muito choro e rock'n'roll Uns dias chove, noutros dias bate o sol Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta A **Marieta** manda um beijo para os seus Um beijo na família, na **Cecília** e nas crianças O Francis aproveita pra também mandar lembranças A todo o pessoal Adeus! A gente faz hora, faz fila na vila do meio dia Pra ver **Maria** A gente almoça e só se coça e só se vicia A porta dela não tem trâmela A janela é sem gelosia Nem desconfia Ai, a primeira festa, a primeira fresta, o primeiro amor Na hora certa, a casa aberta, o pijama aberto, a família A armadilha A mesa posta de peixe, deixe um cheirinho da sua filha Ela vive parada no sucesso do rádio de pilha Que maravilha Ai, o primeiro copo, o primeiro corpo, o primeiro amor Vê passar ela, como dança, balança, avança e recua A gente sua A roupa suja da cuja se lava no meio da rua Despudorada, dada, à danada agrada andar seminua E continua Ai, a primeira dama, o primeiro drama, o primeiro amor Carlos amava **Dora** que amava **Lia** que amava **Léa** que amava Paulo que amava Juca que amava **Dora** que amava Carlos amava **Dora** que amava **Rita** que amava Dito que amava **Rita** que amava Dito que amava **Rita** que amava Carlos amava **Dora** que amava Pedro que amava tanto que amava a filha que amava Carlos que amava **Dora** que amava toda a quadrilha De tudo que é nego torto Do mangue e do cais do porto Ela já foi namorada O seu corpo é dos errantes Dos cegos, dos retirantes É de quem não tem mais nada Dá-se assim desde menina Na garagem, na cantina Atrás do tanque, no mato É a rainha dos detentos Das loucas, dos lazarentos Dos moleques do internato E também vai amiúde Com os velhinhos sem saúde E as viúvas sem porvir Ela é um poço de bondade E é por isso que a cidade Vive sempre a repetir Joga pedra na **Geni** Joga pedra na **Geni** Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita **Geni** Um dia surgiu, brilhante Entre as nuvens, flutuante Um enorme zepelim Pairou sobre os edifícios Abriu dois mil orifícios Com dois mil canhões assim A cidade apavorada Se quedou paralisada Pronta pra virar geleia Mas do zepelim gigante Desceu o seu comandante Dizendo: "Mudei de ideia!" Quando vi nesta cidade Tanto horror e iniquidade Resolvi tudo explodir Mas posso evitar o drama Se aquela formosa dama Esta noite me servir Essa dama era **Geni** Mas não pode ser **Geni** Ela é feita pra apanhar Ela é boa de cuspir Ela dá pra qualquer um Maldita **Geni** Mas de fato, logo ela Tão coitada e tão singela Cativara o forasteiro O guerreiro tão vistoso Tão temido e poderoso Era dela, prisioneiro Acontece que a donzela (E isso era segredo dela) Também tinha seus caprichos E ao deitar com homem tão nobre Tão cheirando a brilho e a cobre Preferia amar com os bichos Ao ouvir tal heresia A cidade em

romaria Foi beijar a sua mão O prefeito de joelhos O bispo de olhos vermelhos E o banqueiro com um milhão Vai com ele, vai, **Geni** Vai com ele, vai, **Geni!** Você pode nos salvar Você vai nos redimir Você dá pra qualquer um Bendita **Geni** Foram tantos os pedidos Tão sinceros, tão sentidos Que ela dominou seu asco Nessa noite lancinante Entregou-se a tal amante Como quem dá-se ao carrasco Ele fez tanta sujeira Lambuzou-se a noite inteira Até ficar saciado E nem bem amanhecia Partiu numa nuvem fria Com seu zepelim prateado Num suspiro aliviado Ela se virou de lado E tentou até sorrir Mas logo raiou o dia E a cidade em cantoria Não deixou ela dormir Joga pedra na **Geni** Joga bosta na **Geni** Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita **Geni** Joga pedra na **Geni** Joga bosta na **Geni!** Ela é feita pra apanhar! Ela é boa de cuspir! Ela dá pra qualquer um! Maldita **Geni** Eu queria ser Um tipo de compositor Capaz de cantar nosso amor Modesto Um tipo de amor Que é de mendigar cafuné Que é pobre e às vezes nem é Honesto Pechincha de amor Mas que eu faço tanta questão Que se tiver precisão Eu furto Vem cá, meu amor Aguenta o teu cantador Me esquenta porque o cobertor é curto Mas levo esse amor Com o zelo de quem leva o andor Eu velo pelo meu amor Que sonha Que enfim, nosso amor Também pode ter seu valor Também é um tipo de flor Que nem outro tipo de flor Dum tipo que tem Que não deve nada a ninguém Que dá mais que **Maria** sem-vergonha Eu queria ser Um tipo de compositor Capaz de cantar nosso amor Barato Um tipo de amor Que é de esfarrapar e cerzir Que é de comer e cuspir No prato Mas levo esse amor Com zelo de quem leva o andor Eu velo pelo meu amor Que sonha Que, enfim, nosso amor Também pode ter seu valor Também é um tipo de flor Que nem outro tipo de flor Dum tipo que tem Que não deve nada a ninguém Que dá mais que **Maria** sem-vergonha De los rengos y los tuertos Del bajo fondo del puerto Ella anduvo enamorada Su cuerpo es de los errantes Vagabundos y emigrantes, De los que no tienen nada Se entregaba desde niña En garajes o cantinas, Tras la pileta, en el monte Reina de los prisioneros, Las locas, los pordioseros, Los gurises del asilo A menudo a su cuidado Hay viejitos desahuciados Y viudas sin porvenir Es buena como son pocas Por eso la ciudad toda Repitiendo ha de seguir: Tírenle piedra a **Geni** Tírenle piedra a **Geni** Hecha está para aguantar, Hecha está para escupir, Se entrega no importa a quién, Maldita **Geni** Un día surgió brillante Entre las nubes fluctuante Un enorme zepelín Se paró en los edificios Abrió unos mil orificios Con mil cañones así La ciudad toda espantada Se quedó paralizada, Casi se volvió jalea Mas del zepelín gigante Descendió el comandante Diciendo - cambié de idea Cuando vi en esta ciudad Tanto horror e iniquidad Resolví hacerla explotar Mas puedo evitar el drama Si es que aquella hermosa dama De noche se entrega a mí Esa dama era **Geni** Mas no puede ser **Geni** Hecha está para aguantar, Hecha está para escupir, Se entrega no importa a quién, Maldita **Geni** Sin que se lo propusiera De tan ingenua y sincera Cautivó al forastero El guerrero tan vistoso, Tan temido y poderoso Quedó de ella prisionero Ocurre que la doncella - y eso era secreto de ella - Tenía también sus caprichos Y a darse a hombre tan noble, Tan oliendo a brillo y cobre, Prefería amar los bichos Al oír tal herejía La ciudad en romería Su mano vino a besar El prefecto de rodillas, El obispo a hurtadillas, El banquero y su millar Anda con él, ve **Geni** Anda con él, ve **geni**, La que nos puede salvar, La que nos va a redimir, Se entrega no importa a quién, Bendita **Geni** Fueron tantos los pedidos, Tan sinceros, tan sentidos, Que ella dominó su asco Esa noche lancinante Entregóse a tal amante Como quién se da al verdugu Tanta suciedad él hizo Relamiéndose de vicio Hasta quedarse saciado Y no bien amanecía Partió en una nube fría Con su zepelín prateado Con un suspiro aliviado Ella se acostó de lado Y trató de sonreír Mas luego al rayar el día La ciudad en gritería Ya no la dejó dormir - tírenle piedra a **Geni** Tírenle piedra a **Geni** Hecha está para aguantar, Hecha está para escupir Se entrega no importa a quién, Maldita **Geni** Querido amigo perdóname por favor Si no te hago una visita Mas como ahora aparece un portador Mando noticias en la cinta Aquí en la tierra están jugando y gritan gol Hay mucho samba mucho choro y rock'n'roll A veces llueve y otros días brilla el sol Mas yo quiero decirte que la cosa aquí está negra Es duro piedra de llevar la situación Que todos van llevando con tesón porfiadamente Que todos van bebiendo pues también sin aguardiente No hay quien aguante la cuestión Querido amigo no pretendo provocar Ni atizar tus añoranzas Pero me ocurre que ya no puedo evitar Darte noticias sin tardanza Aquí en la tierra están jugando y gritan gol Hay mucho samba mucho choro y rock'n'roll A veces llueve y otros días brilla el sol Mas yo quiero decirte que la cosa aquí está negra Mucha pirueta al ir buscando el ganapán Y todos van buscando con ardor y con desgarro Y la gente va fumando pues también sin un cigarro No hay quien aguante la cuestión Querido amigo te quise telefonar Mas la tarifa no hace gracia Ando afligido porque te quiero dejar Al corriente de lo que pasa Aquí en la tierra están jugando y gritan gol Hay mucho samba mucho choro y rock'n'roll A veces llueve y otros días brilla el sol Mas yo quiero decirte que la cosa aquí está negra Haciendo muecas al tragar el chaparrón Y todos van tragando cada sapo en el camino Y la gente se va amando pues también sin un cariño No hay quien aguante la cuestión Querido amigo yo te quería escribir Pero el correo andaba arisco Si me permiten trataré de remitir Noticias frescas en el disco Aquí en la tierra están jugando y gritan gol Hay mucho samba mucho choro y rock'n'roll A veces llueve y otros días brilla el sol Mas yo quiero decirte que la cosa aquí está negra La **Marieta** manda un beso para vos Un beso a la familia, a **Cecilia** y a los niños Y francis aprovecha y también manda cariños A todos por igual Adiós Olha Será que ela é moça Será que ela é triste Será que é o contrário Será que é pintura O rosto da atriz Se ela dança no sétimo céu Se ela acredita que é outro país E se ela só decora o seu papel E se eu pudesse entrar na sua vida Olha Será que é de louça Será que é de éter Será que é loucura Será que é

cenário A casa da atriz Se ela mora num arranha-céu E se as paredes são feitas de giz E se ela chora num quarto de hotel E se eu pudesse entrar na sua vida Sim, me leva pra sempre, **Beatriz** Me ensina a não andar com os pés no chão Para sempre é sempre por um triz Af, diz quantos desastres tem na minha mão Diz se é perigoso a gente ser feliz Olha Será que é uma estrela Será que é mentira Será que é comédia Será que é divina A vida da atriz Se ela um dia despencar do céu E se os pagantes exigirem bis E se o arcanjo passar o chapéu E se eu pudesse entrar na sua vida Ari-Stocrata, Senhor de Engenho Baroneite e Magnata Puro verniz Motivo: concordata Quer embarcar no tal do show biz **Inês** Gotável, dama da corte Com curriculum notável Corpo de miss Idade incalculável Quer embarcar no tal do show biz Precisa-se de artistas, deu até no jornal Vão fazer os testes pro maior musical Meu pai é influente Meu tio é coronel Meu sogro é presidente Ninguém leva o meu papel O meu expediente Prossegue no motel Eu dou para o gerente Ninguém leva o meu papel **Celi** Batária De bons costumes mui zelosa comissária Zero quadris Um pouco solitária Quer embarcar no tal do show biz Ator-Mentado Peri-Clitantemente Eli-Minado Cantarinho, dançartriz Quer embarcar no tal do show biz Casa de João de **Rosa Rosa** de João João que levantou a casa No boqueirão João que fez aquela casa **Rosa** fez questão A casa de botão de **Rosa** Que é de João **Rosa** aconchegou a casa Casa de João-de-barro, a concha cor de **Rosa** Não tem portão João mandou fazer pra **Rosa** Forro de alcatrão Ninguém jâmia entrou na casa Que é de João Roda **Rosa** pela casa Coisa de João João foi quem ensinou a **Rosa** Rolar no chão João cheirando aquela **Rosa** Goza de antemão E **Rosa** amando aquela casa Rega João São José de porcelana vai morar Na matriz da Imaculada **Conceição** O Bom José desalojado Pode agora despertar E acudir os seus fiéis sem terra, sem trabalho e pão Vai a Virgem de alabastro **Conceição** Na charola para a igreja do Bonfim A **Conceição** incomodada Vai ouvir nossa oração Nos livrar da seca, da enxurrada e da estação ruim Bom Jesus de luz neon sai do Bonfim Pra capela de São Carlos Barromeu O bom Jesus contrariado Deve se lembrar enfim De mandar o tempo de fatura que nos prometeu Barromeu pedra-sabão vai pro altar Pertencente à estrela-mãe de **Nazaré** A **Nazaré** vai de jumento Pro mosteiro de São João E o Evangelista pra basílica de São José Mas se a vida mesmo assim não melhorar Os beatos vão largar a boa-fé E as paróquias com seus santos Tudo fora de lugar Santo que quiser voltar pra casa Só se for a pé Quando adormecia na ilha de **Lia** meu Deus eu só vivia a sonhar Que passava ao largo no barco de **Rosa** e queria aquela ilha abordar Prá dormir com **Lia** que via que eu ia sonhar dentro do barco de **Rosa** **Rosa** que se ria e dizia nem coisa com coisa Era uma armadilha de **Lia** com **Rosa** com **Lia**, eu não podia escapar Girava num barco num lago no centro da ilha num moinho de mar Era estar com **Rosa** nos braços de **Lia** era **Lia** com balanço de **Rosa** Era tão real, era devaneio Era meio a meio, meio **Rosa** meio **Lia**, meio **Rosa**, meio dia, meia-lua, meio **Lia**, meio Era uma partilha de **Rosa** com **Lia**, com **Rosa**, eu não podia esperar Na feira do porto, meu corpo, minh'alma, meus sonhos vinham negociar Era poesia nos pratos de **Rosa**, era prosa na balança de **Lia** Era tão real, era devaneio Era meio a meio, meio **Lia**, meio **Rosa** meio **Lia**, meia lua, meio dia, meio **Rosa**, meio Na ilha de **Lia**, de **Lia**, de **Lia** **Bia** falou: ah, claro que eu vou **Clara** ficou até o sol raiar **Dadá** também saracoteou **Didi** tomou o que era pra tomar Ainda bem que **Isa** me arrumou Um barco bom pra gente chegar lá **Lelé** também foi e apreciou O baticum lá na beira do mar Aquela noite tinha do bom e do melhor Tô lhe contando que é pra lhe dar água na boca Veio Mané da Consolação Veio o Barão de lá do Ceará Um professor falando alemão Um avião veio do Canadá Monsieur Dupont trouxe o dossier E a Benetton topou patrocinar A Sanyo garantiu o som Do baticum lá na beira do mar Aquela noite Quem tava lá na praia viu E quem não viu jamais verá Mas se você quiser saber A Warner gravou E a Globo vai passar **Bia** falou: ah, claro que eu vou **Clara** ficou até o sol raiar **Dadá** também saracoteou **Didi** tomou o que era pra tomar Isso é que é, Pepe se chegou Pelé pintou, só que não quis ficar O campeão da Fórmula 1 No baticum lá na beira do mar Aquela noite Tinha do bom e do melhor Só tô lhe contando que é pra lhe dar água na boca Zeca pensou: antes que era bom Mano cortou: brother, o que é que há? Foi a G.E. quem iluminou E a Macintosh entrou com o vatapá O JB fez a crítica E o cardeal deu ordem pra fechar O Carrefour, digo, o baticum Da Benetton, não, da beira do mar O meu pai era paulista Meu avô, pernambucano O meu bisavô, mineiro Meu tataravô, baiano Meu maestro soberano Foi Antonio Brasileiro Foi Antonio Brasileiro Quem soprou esta toada Que cobri de redondilhas Pra seguir minha jornada E com a vista enevoada Ver o inferno e maravilhas Nessas tortuosas trilhas A viola me redime Creia, ilustre cavalheiro Contra fel, moléstia, crime Use Dorival Caymmi Vá de Jackson do Pandeiro Vi cidades, vi dinheiro Bandoleiros, vi hospícios Moças feito passarinho Avoando de edifícios Fume Ari, cheire Vinícius Beba Nelson Cavaquinho Para um coração mesquinho Contra a solidão agreste Luiz Gonzaga é tiro certo Pixinguinha é incontestado Tome Noel, Cartola, Orestes Caetano e João Gilberto Viva Erasmo, Ben, Roberto Gil e Hermeto, palmas para Todos os instrumentistas Salve Edu, Bituca, **Nara Gal** **Bethania**, **Rita**, **Clara** Evoé, jovens à vista O meu pai era paulista Meu avô, pernambucano O meu bisavô, mineiro Meu tataravô, baiano Vou na estrada há muitos anos Sou um artista brasileiro Arrasa o meu projeto de vida Querida, estrela do meu caminho Espinho cravado em minha garganta Garganta A santa às vezes troca meu nome E some E some nas alturas da madrugada Coitada, trabalha de plantonista Artista, é doida pela Portela Ôi ela Ôi ela, vestida de verde e rosa A **Rosa** garante que é sempre minha Quietinha, saiu pra comprar cigarro Que sarro, trouxe umas coisas do Norte Que sorte Que sorte, voltou toda sorridente Demente, inventa cada carícia Egípcia, me encontra e me vira a cara Odara, gravou meu nome na blusa Abusa, me acusa Revista os bolsos da calça A

falsa limpou a minha carteira Maneira, pagou a nossa despesa Beleza, na hora do bom me deixa, se queixa A gueixa Que coisa mais amorosa A **Rosa** Ah, **Rosa**, e o meu projeto de vida? Bandida, cadê minha estrela guia Vadia, me esquece na noite escura Mas jura Me jura que um dia volta pra casa Arrasa o meu projeto de vida Querida, estrela do meu caminho Espinho cravado em minha garganta Garganta A santa às vezes me chama Alberto Alberto Decerto sonhou com alguma novela **Penélope** espera por mim bordando Suando, ficou de cama com febre Que febre A lebre, como é que ela é tão fogaosa A **Rosa** A **Rosa** jurou seu amor eterno Meu terno ficou na tinturaria Um dia me trouxe uma roupa justa Me gusta, me gusta Cismou de dançar um tango Meu rango sumiu lá da geladeira Caseira, seu molho é uma maravilha Que filha, visita a família em Sampa Às pampa, às pampa Voltou toda descascada A fada, acaba com a minha lira A gira, esgota a minha laringe Esfinge, devora a minha pessoa À toa, a boa Que coisa mais saborosa A **Rosa** Ah, **Rosa**, e o meu projeto de vida? Bandida, cadê minha estrela guia? Vadia, me esquece na noite escura Mas jura Me jura que um dia volta pra casa Quando eu morrer, que me enterrem na beira do chapadão – contente com minha terra cansado de tanta guerra crescido de coração Tão (apud Guimarães Rosa) Zanza daqui Zanza pra acolá Fim de feira, periferia afora A cidade não mora mais em mim Francisco, Serafim Vamos embora Ver o capim Ver o baobá Vamos ver a campina quando flora A piracema, rios contravim Binho, **Bel Bia** Quim Vamos embora Quando eu morrer Cansado de guerra Morro de bem Com a minha terra: Cana, caqui Inhame, abóbora Onde só vento se semeava outrora Amplidão, nação, sertão sem fim Ó Manuel, Miguilim Vamos embora **Iracema** voou Para a América Leva roupa de lã E anda lépida Vê um filme de quando em vez Não domina o idioma inglês Lava chão numa casa de chá Tem saído ao luar Com um mímico Ambiciona estudar Canto lírico Não dá mole pra polícia Se puder, vai ficando por lá Tem saudade do Ceará Mas não muita Uns dias, afoita Me liga a cobrar É **Iracema** da América Quantos artistas Entoam baladas Para suas amadas Com grandes orquestras Como os invejo Como os admiro Eu, que te vejo E nem quase respiro Quantos poetas Românticos, prosas Exaltam suas musas Com todas as letras Eu te murmuro Eu te suspiro Eu, que soletro Teu nome no escuro Me escutas, **Cecília**? Mas eu te chamava em silêncio Na tua presença Palavras são brutas Pode ser que, entreabertas Meus lábios de leve Tremessem por ti Mas nem as sutis melodias Merecem, **Cecília** teu nome Espalhar por aí Como tantos poetas Tantos cantores Tantas **Cecílias** Com mil refletores Eu, que não digo Mas ardo de desejo Te olho Te guardo Te sigo Te vejo dormir Esto no puede ser no mas que una canción Quisiera fuera una declaración de amor Romantica sin reparar en formas tales Que pongan freno a lo que siento ahora a raudales Te amo Te amo Eternamente te amo Si me faltaras no voy a morirme Si he de morir quiero que sea contigo Mi soledad se siente acompañada Por eso a veces se que necesito Tu mano Tu mano Eternamente tu mano Cuando te vi sabia que era cierto Este temor de hallarme descubierto Tu me desnudas con siete razones Me abres el pecho siempre que me colmas De amores De amores Eternamente de amores Si alguna vez me siento derrotado Renuncio a ver el sol cada mañana Rezando el credo que me has enseñado Miro tu cara y digo en la ventana **Yolanda Yolanda** Eternamente **Yolanda Yolanda** Eternamente **Yolanda** Eternamente **Yolanda** O mati é passo preto Ele é muito tapereiro Ele canta por amor Eu só canto por dinheiro No seu canto tem valor No meu canto tem vintém Ele geme a sua dor Eu não choro por ninguém Ninguém sabe ir pelo Catumbi Ninguém sabe, ninguém sabe Eu casei com ela Fiz um filho nela Bati muito nela Fui feliz com ela Se o santo cai do andor E o barro cobre o ladrilho Quem roubou o meu amor E me escondeu do meu filho Renda de filó Carretel de linha Jorro de cascata Canja de galinha Sino de Belém Mofo de farinha Vou cantar agora Uma prenda minha O mati ao meio-dia Tá piando no soleiro Ele canta no estio Eu debaixo do chuveiro Ele mora no sertão Eu no Rio de Janeiro Ninguém sabe ir por Andaraí Ninguém sabe, ninguém sabe Se o peito guarda rancor O raio pisca o seu brilho Do porto sai o vapor Da vaca sai o novilho Tem gente que faz favor Pamonha é feita de milho Quem roubou o meu amor E me escondeu do meu filho Fé de bisavó Praga de madrinha Laço de gravata Bando de rolinha Sorte de repente Jura de modinha Vou cantar agora Uma prenda minha Eu fui lá, na grotta funda Avistar meu feiticeiro Fiquei bom do reumatismo E ganhei muito dinheiro Melhorei do meu cansaço E ganhei muito dinheiro Ninguém sabe ir pelo Buriti Ninguém sabe, ninguém sabe Se o cheiro muda de cor O nego puxa o gatilho A lucidez sai da dor O trem de ferro do trilho Se o vento liga o motor E a morte presta um auxílio Quem roubou o meu amor E me escondeu do meu filho Rede de cipó Lata de sardinha Porta de alçapão Ceva de tainha Bolha de sabão Sopa de letrinha Bucha de balão Papo de cozinha Meu padrinho quando moço Era muito fazendeiro Tirou ouro do sertão Foi gastar no estrangeiro O dinheiro da boiada Transferiu pro estrangeiro Ninguém sabe ir pelo Piauí Ninguém sabe, ninguém sabe O avião salta do chão O padre sai do retiro O acaso faz o ladrão Da espingarda parte o tiro Do verso nasce a canção Do sertão meu estribilho Quem roubou o meu amor E me escondeu do meu filho Medo de ladrão Noite de arripio Boca de fogaço Casco de navio Pipa de papel Bem-te-vi no cio Corda de relógio Bomba de pavio Tive léguas e mais léguas Muito gado, cafezais Sesmarias, mata virgem Onde a vista já não vai Extensão de terra roxa Ia até o Paraguai Tive até um burro preto Que vovô deu pro papai Eu também já tive um tio Que virou velho gaiteiro Que gostava de mulher Como eu gosto de dinheiro Era louco por mulher Eu me amarro no dinheiro Fui mascate no sertão Caminhei o norte inteiro Vendi grampo a prestação Guarda-chuva em fevereiro Até hoje estou esperando A remessa do dinheiro O mati é passo preto De janeiro até janeiro Ele casa no verão Eu namoro o ano inteiro O mati já tem bisneto Eu ainda tô solteiro Ele voa em liberdade Inda tô no cativoiro E

voou pra imensidão Eu ainda prisioneiro Canta curió Canta coleirinho Sabiá da mata Garnizé de ninho Terra de niguém Viração marinha Vou cantar agora uma prenda minha Uma vez em Nova York Liguei pro meu feiticeiro Que atendeu o telefone Lá no Rio de Janeiro Eu então falei pra ele Procurar meu macumbeiro Pra avisar pro pai-de-santo Pra arranjar algum dinheiro Pra pedir pro delegado Pra soltar meu curandeiro Ao doutor seu delegado Pra soltar meu curandeiro Mas o tal telefonema Lá se foi o meu dinheiro Sunga de lagarto Dente de galinha Sovaco de cobra Pena de tainha Asa de tatu Jura de **Maria** Grito de minhoca Rabo de Cotia E neste ano, como todo ano, uma vez por ano Tem quadrilha no arraial E neste ano, como sempre Salvo chuva e salvo engano A satisfação é geral Não me leve a mal, não me leve a mal Não me leve a mal, não me leve a mal O forró corria manso, sem problema e sem vexame Quando o chefe da quadrilha decretou changer de dame A mulher do delegado rendeu o bacharel O peão laçou a jovem filha do coronel A **Terezinha** Crediário deu um passo com o vigário A beata com o sacristão Diz que a senhora do prefeito Merecidamente eleito Foi com o líder da oposição Não tem nada não, não tem nada não Não tem nada não, não tem nada não Zé-com-fome deitou olho na patroa do "seu" Lima Que não faz xodó na moça, mas também não sai de cima Juca largou a sanfona e abandonando o salão Foi prevaricar com a dona que vendia quentão E foi doente com doutora, indigente e protetora Foi aluna com professor E o perigoso bandoleiro, Zé Durango, "El Justicero" Fez beicinho pro promotor Mas faça o favor! Mas faça o favor! Mas faça o favor! Mas faça o favor! O forró estereofônico estava mesmo um barato Muita música na praça e muita dança lá no mato Quem gozou da brincadeira, muito bom, muito bem Quem tomou chá de cadeira, só no ano que vem Pois nesse ano, como todo ano, uma vez por ano Tem quadrilha no arraial E nesse ano, como sempre Salvo chuva e salvo engano A satisfação é geral Ninguém leva a mal, ninguém leva a mal Ninguém leva a mal, ninguém leva a mal Ela era ela era ela no centro da tela daquela manhã Tudo o que não era ela se desvaneceu Cristo, montanhas, florestas, acácias, ipês Pranchas coladas na crista das ondas, as ondas suspensas no ar Pássaros cristalizados no branco do céu E eu, atolado na areia, perdia meus pés Músicas imaginei Mas o assombro gelou Na minha boca as palavras que eu ia falar Nem uma brisa soprou Enquanto **Renata Maria** saía do mar Dia após dia na praia com olhos vazados de já não a ver Quietos como um pescador a juntar seus anzóis Ou como algum salva-vidas no banco dos réus Noite na praia deserta, deserta, deserta daquela mulher Praia repleta de rastros em mil direções Penso que todos os passos perdidos são meus Eu já sabia, meu Deus Tão fulgurante visão Não se produz duas vezes no mesmo lugar Mas que danado fui eu Enquanto **Renata Maria** saía do mar Sonhei que o fogo gelou Sonhei que a neve fervia Sonhei que ela corava Quando me via Sonhei que ao meio-dia Havia intenso luar E o povo se embebecia Se empetecava João Se emperiquitava **Maria** Doentes do coração Dançavam na enfermaria E a beleza não fenecia Belo e sereno era o som Que lá no morro se ouvia Eu sei que o sonho era bom Porque ela sorria Até quando chovia Guris inertes no chão Falavam de astronomia E me jurava o diabo Que Deus existia De mão em mão o ladrão Relógios distribuía E a polícia já não batia De noite raiava o sol Que todo mundo aplaudia Maconha só se comprava Na tabacaria Drogas na drogaria Um passarinho espanhol Cantava esta melodia E com sotaque esta letra De sua autoria Sonhei que o fogo gelou Sonhei que a neve fervia E por sonhar o impossível, ai Sonhei que tu me querias Soñé que el fuego heló Soñé que la nieve ardía Y por soñar lo imposible, ay, ay Soñé que tú me querías **Aurora**, eu fiz agora Venha, **Aurora**, ouvir agora A nossa música Depressa, antes que um outro compositor Me roube e troque as notas no song book E estrague tudo e exponha na televisão O nosso amor A nossa íntima canção Os nossos segredos escancarados Nos trinados de um ladrão Que vai cantando sem pudor A minha última canção Venha, meu amor, venha ouvir, **Aurora** A nossa música Mas só se for agora Venha ouvir sem mais demora A nossa música Que estou roubando de outro compositor E já retoco os versos com maior talento Dou um polimento e exponho na televisão O nosso amor A nossa íntima canção As nossas mais tórridas confidências Para audiências mundo afora E vai lançar seu nome, **Amora** A minha última canção Venha, meu amor, venha ouvir, **Amora** A nossa música O nosso amor A nossa íntima canção Com nossos segredos, os mais picantes Nos rompantes de um tenor Que vai cantando com tremor A minha última canção Venha, meu amor, venha ouvir, **Teodora** A nossa música **Nina** diz que tem a pele cor de neve E dois olhos negros como o breu **Nina** diz que, embora nova Por amores já chorou que nem viúva Mas acabou, esqueceu **Nina** adora viajar, mas não se atreve Num país distante como o meu **Nina** diz que fez meu mapa E no céu o meu destino rapta O seu **Nina** diz que se quiser eu posso ver na tela A cidade, o bairro, a chaminé da casa dela Posso imaginar por dentro a casa A roupa que ela usa, as mechas, a tiara Posso até adivinhar a cara que ela faz Quando me escreve **Nina** anseia por me conhecer em breve Me levar para a noite de moscou Sempre que esta valsa toca Fecho os olhos, bebo alguma vodca E vou... Era **Aurora** Não, era **Aurélia** Ou era **Ariela** Não me lembro agora É a saia amarela daquele verão Que roda até hoje na recordação Foi na Penha Não, foi na Glória Gravei na memória Mas perdi a senha Misturam-se os fatos As fotos são velhas Cabelos pretos Bandeiras vermelhas Foi Garrincha Não, foi de bicicleta Juro que vi aquela bola entrar na gaveta Tiro de meta Foi na guerra É, noite alta Gritou o astronauta Que era azul a Terra Quando a verde-e-rosa saiu campeã Cantando Cartola ao romper da manhã Salve o dia azul Salve a festa E salve a floresta, salve a poesia E salve este samba antes que o esquecimento Baixe seu manto Seu manto cinzento Foi **Glorinha** Não, era **Maristela** Juro que eu ia até casar na Penha com ela A vida é bela É, não é Era Zizinho era Pelé Aliás, **Soraia** era **Anabela** Era amarela a saia



Foi quando a verde-e-rosa saiu campeã Cantando Cartola ao romper da manhã Salve o dia azul Salve a festa E salve a floresta, salve a poesia E salve este samba antes que o esquecimento Baixe seu manto Seu manto cinzento Era **Aurora** Não, era **Barbarela** Juro que eu ia até o Cazaquistão atrás dela A vida é bela É Garrincha, é Cartola e é Mandela